

DIÁLOGO ABERTO

Imagens da nossa Terra: como a arte escancara a crise ambiental



Bordalo II

FIQUE SABENDO →

Podcast Liessin Cultural – Episódio Frans Krajcberg

O episódio de *podcast* aborda a arte engajada de Frans Krajcberg, artista brasileiro que transformou a natureza em sua maior fonte de inspiração.

Bienal do Lixo leva arte e consciência para antigo lixão

Reportagem mostra evento sediado no Parque Villa-Lobos, em São Paulo (SP), que já foi um lixão clandestino.

Lixo extraordinário

O documentário registra o trabalho do artista plástico Vik Muniz no Jardim Gramacho, maior aterro sanitário da América Latina, localizado na cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro.

LIXO extraordinário. Direção: Lucy WALKER, João Jardim; Karen Harley. Reino Unido/Brasil: Almega Projects; O2 Filmes, 2010. (99 min). Documentário.

Imagens da nossa Terra: como a arte escancara a crise ambiental

A terra marcada pelas consequências da seca e da tragédia ambiental inspirou o artista plástico paulistano Jaime Lauriano (1985-) a criar a obra **Independência e morte**, de 2022, releitura do histórico trabalho de Pedro Américo (1843-1905) **Independência ou morte**, de 1888, marco visual da Proclamação da República brasileira.

Exposta no 37º Panorama da Arte Brasileira, realizado em 2022 e sediado no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), a pintura de Lauriano dialogava diretamente com o tema da edição da mostra: “Sob as cinzas, brasa” – uma reflexão sobre o legado colonial brasileiro nas esferas política, social e ambiental.

A obra contemporânea exclui do cenário os típicos cavaleiros da armada do imperador Pedro II (1825-1891) e anula o tom heroico da cena clássica. No lugar da bravura, a desilusão. Lauriano cria um barranco sedimentado que aponta para um mundo marcado pela pujança e pela exploração da terra e mostra os impactos da extração indevida de minérios.

O lamaçal onipresente é uma crítica direta às tragédias ambientais que acometeram o Brasil na última década – o rompimento das barragens das cidades mineiras Mariana, em 2015, e Brumadinho, em 2019. A pintura de denúncia é uma das formas que artistas jogam luz sobre problemas relacionados à crise ecológica.



Cortesia do Artista e Nara Roesler

Jaime Lauriano, **Independência e morte**, 2022.

Artistas de várias gerações utilizam a arte figurativa para criar cenários que refletem a urgência do tema. Luiz Zerbini (1959-), nome marcante da Geração Oitenta, protestou contra crimes ambientais nos últimos anos. Em 2022, expôs, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), uma série de trabalhos críticos aos ciclos históricos de monocultura agrícola no Brasil, tratando também de questões como a interferência humana na paisagem.

Um dos destaques da exposição era a obra **Massacre de Haximu**, pintura que traduz as consequências do garimpo ilegal, tendo como referência o primeiro genocídio yanomami julgado no Brasil, em 1993. A tela coloca em pauta a situação precária do povo Yanomami na maior terra indígena do país, na fronteira com a Venezuela.

Massacre de Haximu virou cartão-postal do museu, foi compartilhada nas redes sociais e estampou matérias nos principais jornais. Em entrevistas, Zerbini não poupou críticas à crise ambiental e tocou na questão da dura realidade vivida pelos Yanomami. Alguns meses depois do fim da exposição, em 2023, o povo Yanomami foi, outra vez, vitimado por mais uma tragédia humanitária e ecológica no norte do Brasil.

Em 2024, **Massacre de Haximu** foi novamente escolhida pelo artista para fazer parte de uma exposição, desta vez no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro (RJ). Seu significado foi atualizado: feita para retratar o genocídio que aconteceu na década de 1990, a pintura passou a dialogar também com a recente crise na Terra Indígena Yanomami (TIY), alertando para problemas como a violência dos garimpeiros contra os indígenas e a contaminação dos rios por mercúrio.

Quando uma catástrofe ambiental explode, a indignação coletiva é perpetuada principalmente por imagens. A fotografia é um dos principais veículos usados para espalhar o impacto negativo das ações do ser humano subjugando a terra. As fotos de Sebastião Salgado (1944-) e João Farkas (1955-) retratam as mudanças na paisagem da Amazônia e do Pantanal, respectivamente. Ficaram famosas não apenas por capturar com maestria as cenas de destruição, mas pelo viés humanista que dá enfoque às lutas e transformações dos povos e dos biomas.

Outras linguagens também cumprem o papel revelador da fotografia, como a literatura, o cinema e a pintura. As crises ambiental e humanitária estão interligadas em territórios rurais e nas florestas. A arte produzida pelos povos indígenas ganhou força por mostrar o cotidiano amazônico pela ótica dos que habitam há muito tempo o território. As narrativas ganham cor local e passam a privilegiar as particularidades regionais.

“Os artistas se tornaram participantes proativos para realizar ações e mudanças sociais, até mesmo na esperança de impulsionar decisões políticas. Sua obra de arte se torna uma criação calculada, o artista abandona a alegoria pelo ativismo. E espera um impacto visceral para que a pintura desperte a consciência de uma injustiça.”, escreve a jornalista britânica Karen Burshtein na reportagem “Como obras de arte ajudam a denunciar atrocidades históricas”, publicada pela **BBC**, sobre a intersecção entre ativismo e arte.

Se a arte pode ser um instrumento para denunciar flagelos sociais e ambientais, o artista se torna uma espécie de ativista, um observador crítico da realidade. Jaider Esbell (1979-2021), da etnia Macuxi, tornou-se uma das vozes mais relevantes das artes visuais brasileiras quando usou sua arte para tratar de questões como a exploração das florestas.

Esbell expunha telas figurativas pautadas pelas cosmogonias dos povos originários e chegou a afirmar que “toda exposição de arte indígena é, antes de tudo, uma denúncia”. O amazonense Denilson Baniwa (1984-) é outro nome de destaque na arte brasileira, tendo participado, inclusive, da última edição da Bienal de Veneza, na Itália, em 2024. Baniwa questiona as estruturas de poder e tensiona conceitos a partir de sua experiência interdisciplinar. Ele trafega por vários tipos de expressões artísticas – da pintura e escultura à performance e ao vídeo. É autor de obras como a série de fotografias **Relacionamento (agro) Tóxico. Meu Coração é Orgânico**, que retrata frutas e legumes provenientes de plantações não sustentáveis.

Crítico do agronegócio, Baniwa traz alertas em seus trabalhos, como a necessidade da demarcação das terras indígenas, tema da obra **Demarcação já**, de 2020. Também criou performances para chamar atenção para o assunto, como **Pajé Onça**, destaque na 35ª Bienal de São Paulo, em 2023.

Da ruína à arte de protesto: o ativismo em foco



Bordalo II

Escultura de Bordalo II, no Parque das Nações, em Lisboa.

A arte pode ser usada como instrumento de conscientização de várias maneiras. Há artistas que encampam uma postura mais discursiva, transformando, muitas vezes, a aridez das pautas ambiental e social em matéria viva para potência criativa, como os já citados Jaime Lauriano, Luiz Zerbini, Jaider Esbell e Denilson Baniwa.

Outros nomes, como o brasileiro Vik Muniz (1961-) e o português Bordalo II (1987-), partem igualmente de uma arte figurativa, mas seguem um processo diferente ao priorizar materiais inusitados. Eles elaboram suas obras com fragmentos de eletrônicos, plásticos, papéis, todos reciclados, utilizando os resíduos para formar retratos humanos, paisagens e animais.

Muniz ficou conhecido por estilizar os principais cartões-postais brasileiros com materiais reutilizados, como na obra em que retrata a Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, feita de garrafas PET recicladas. No documentário **Lixo Extraordinário**, de 2010, o artista mostra como a arte impactou um grupo de sete catadores de reciclagem de um aterro no Jardim Gramacho, bairro do subúrbio de Duque de Caxias (RJ).

Com longa trajetória artística e mantenedor de projetos sociais que impactam pessoas em situação de vulnerabilidade econômica, Vik Muniz evidenciou também o modo como

os habitantes da região eram afetados pelo lixo. Ao longo do documentário, surgem questões como o consumismo, abordado para mostrar o impacto da produção em massa na paisagem urbana.

O artista português Bordalo II também transforma lixo em grandes obras. Em suas esculturas, retrata espécies de animais em extinção – como o lince-ibérico, trabalho de 10 metros de altura feito com resíduos secos, localizado em frente ao Parque das Nações, em Lisboa, Portugal.

A postura de artistas que usam suas obras para tocar em problemas contemporâneos pode ser definida como **ativismo**. Em “Arte e meio ambiente: do não-lugar ao ativismo” (2021), o professor Leonardo Versieux define o termo como “a produção de novas narrativas artístico-políticas, que busquem ativamente gerar consciência que se desenvolva em ações concretas, em prol de uma causa”.

O brasileiro Alexandre Orion (1978-) também é “ativista”. Ele realizou importantes trabalhos para denunciar os impactos da poluição nas metrópoles, como na série **Ossário** – em que desenhava caveiras em túneis da cidade de São Paulo usando apenas retalhos para moldar a fuligem.

Historicamente, a crise climática tem sido trabalhada por artistas de diferentes movimentos e gerações. Na América Latina, nomes como a brasileira Brígida Baltar (1959-2022) e a cubana Ana Mendieta (1948-1985) incorporaram elementos da natureza em suas criações, esculturas ou intervenções no ambiente, que flertavam com os preceitos da *Land Art* – a arte feita a partir da intervenção direta na terra, popularizada no final da década de 1960 pelo americano Robert Smithson (1938-1973).

Já o polonês Frans Krajcberg (1921-2017) realizou grandes esculturas de impacto: ele utilizava grossos troncos de árvores calcinadas, coletadas após incêndios florestais. Em mais de cinco décadas de carreira, o escultor radicado no Brasil denunciou a exploração de minérios em Minas Gerais, o desmatamento na Amazônia e as queimadas no Paraná. Era conhecido por suas contundentes falas em defesa do meio ambiente.

Em uma declaração emocionante, publicada na edição de 2014 de **Revista da UFMG**, Krajcberg revelou que a natureza lhe devolveu o prazer de sentir, de pensar e de trabalhar: “De sobreviver. Quando estou na natureza, eu penso a verdade, eu falo a verdade, eu me exijo verdadeiro. Um dia convidaram-me para ir ao norte do Paraná. As árvores eram como homens calcinados pela guerra. Não suportei. Troquei minha casa por uma passagem de avião para o Rio”.

O cenário assustador das queimadas no sul do Brasil provocou reflexões profundas na vida e na obra de Krajcberg. Hoje, com a onipresença digital, as adversidades ambientais são compartilhadas rapidamente, e artistas criam a partir de um cenário que parece não ser mais excepcional, mas sim regra, parte de um mundo que se aproxima da catástrofe ecológica. Cada vez mais perto de um ponto de inflexão, de não retorno, a menos que seja tomada uma conscientização radical.

Sobre o(a) autor(a)



Acervo pessoal

Matheus Quirino é jornalista. Foi editor-assistente do **Aliás**, suplemento de livros e ideias do jornal **O Estado de S. Paulo**. Na imprensa, escreve sobre literatura, arte, meio-ambiente e suas intersecções. Tem textos publicados na agência internacional de notícias ambientais **Mongabay**, nos jornais **O Globo**, **Folha de S. Paulo** e **Valor Econômico** e nas revistas **piauí** e **GQ**.

Competências gerais da BNCC 1, 3, 5, 6, 7, 9

Orientações

A arte tem sido uma poderosa ferramenta de denúncia social e ambiental, capaz de traduzir em imagens a urgência de problemas que afetam a humanidade. O texto apresentado traz discussões sobre o papel dos artistas no debate público e sobre o impacto da arte em diferentes plataformas para alertar sobre a crise climática.

Para introduzir o tema, é necessária uma abordagem multidisciplinar, para demarcar o que é a crise climática – suas causas e consequências –, como a sociedade enxerga o tema e de que modo os artistas reagem à pauta ambiental – e usam seus meios para falar sobre ela.

Uma explanação oral acompanhada de *slides* com os trabalhos citados é bem-vinda. É importante que os alunos visualizem os trabalhos para refletir sobre o conteúdo. A análise coletiva de obras como **Massacre de Haximu**, de Luiz Zerbini, relacionando-a a fatos históricos, como o genocídio yanomami de 1996 e o episódio na mesma Terra Indígena em 2023, é uma forma de mostrar de que maneira as tragédias se repetem quando não há uma política efetiva de combate ao garimpo ilegal e como uma obra pode ser atemporal.

Partindo de uma perspectiva histórica, é interessante abordar o conceito das releituras nas artes plásticas – nesse caso, apontar as diferenças e semelhanças entre **Independência ou Morte**, de Pedro Américo, e **Independência e Morte**, de Jaime Lauriano. É importante partir da semelhança do título das obras e mostrar como a partícula de ligação faz a diferença neste caso, demarcar os elementos visuais presentes em cada uma das pinturas e propor reflexões sobre como elas se conectam com episódios marcantes da sociedade.

Sobre sustentabilidade, mostre como materiais reciclados podem exemplificar de que modo a escolha dos meios impacta a mensagem transmitida. Isso pode ser feito analisando o papel das artes no contexto urbano, pesquisando a biografia de Alexandre Orion, Daan Roosegaarde e Michael Pinsky. Com base nessa tarefa, pode-se sugerir aos estudantes que elaborem uma redação refletindo sobre a maneira como esses artistas abordam os impactos da poluição e das mudanças climáticas nas cidades em suas produções.

Pode ser interessante propor um debate para abordar o papel transformador da arte. Com a turma dividida em grupos, peça a cada grupo que estude diferentes meios, como a fotografia, a pintura e a escultura, e os artistas que atuam com esses formatos e colocam em evidência a pauta ambiental. Pode ser interessante orientá-los a descobrir novos escultores, pintores, fotógrafos, fotojornalistas e *performers* que tragam em suas poéticas elementos que remetam à urgência da pauta ambiental. Para encerrar, cada grupo prepara pequenas apresentações para falar sobre a vida e obra dos artistas pesquisados.

Material complementar

VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Júlia (org.). **32ª Bienal de São Paulo**: incerteza viva. Catálogo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

MENEZES, Débora. Talentos indígenas fazem da arte uma forma de militância ambiental.

Mongabay, 18 dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2019/12/talentos-indigenas-fazem-da-arte-uma-forma-de-militancia-ambiental/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

Referências

BURSHTEIN, Karen. Como obras de arte ajudam a denunciar atrocidades históricas. **BBC**, 14 ago. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-57968448>. Acesso em: 27 nov. 2024.

FERNANDINO, Fabrício. (R)evolução Frans Krajcberg, o poeta dos vestígios! **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 21, 2014.

ITAÚ CULTURAL. **Earthwork**. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3649/earthwork>. Acesso em: 27 nov. 2024.

LEITE, Letícia; MAGALHÃES, Ana. 'A história da arte precisa ser reescrita com a presença indígena'. **Sumaúma**, 18 set. 2023. Disponível em: <https://sumauma.com/a-historia-da-arte-precisa-ser-reescrita-com-a-presenca-indigena/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

MORAES, Carolina. Luiz Zerbini recria massacres de um Brasil que o governo Bolsonaro busca repetir. **Folha de S.Paulo**, 29 mar. 2022. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/03/luiz-zerbini-recria-massacres-de-um-brasil-que-o-governo-bolsonaro-busca-repetir.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2024.

MUNIZ, Vik; BUENO, Alexei. **Lixo extraordinário**. 1. ed. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2010. 256 p.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Artistas transformam poluição do ar em arte**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/83257-artistas-transformam-polui%C3%A7%C3%A3o-do-ar-em-arte>. Acesso em: 27 nov. 2024.

VERSIEUX, L. M. **Arte e meio ambiente**: do não-lugar ao ativismo. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/38117/1/ArteMeioAmbiente_Versieux_2021.pdf. Acesso em: 27 nov. 2024.

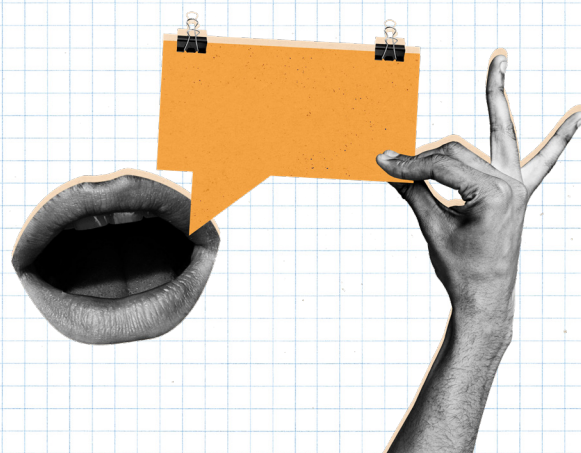
YUTAKA SAITO, Bruno. Artista troca "Independência ou Morte" por "Passa boi, passa boiada". **Valor Econômico**, 12 ago. 2022. EU&. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2022/08/12/artista-troca-independencia-ou-morte-por-passa-boi-passa-boiada.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2024.

ZANON, Sibélia. Mostra indígena em SP quer denunciar crimes contra a floresta através da arte. **Mongabay**, 5 nov. 2020. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2020/11/mostra-indigena-em-sp-quer-denunciar-os-crimes-contra-os-povos-da-floresta-por-meio-da-arte/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

REFLEXÃO NA PRÁTICA

Conteúdo desta edição

- Como as artes visuais refletem a crise ambiental.
- O lixo transformado em belas artes e o impacto da reciclagem.
- A arte indígena como meio de preservação das florestas e das culturas originárias.
- A arte em diálogo com a terra.



Roman Samborsky/Shutterstock.com/
natrot/Shutterstock.com

Organizando as ideias

- 1** Se o caminho de alguns artistas é lidar diretamente com a ancestralidade, a fim de resgatar ícones de sua cultura e preservar as tradições, outros criadores apostam em abordagens com viés político mais evidente para trazer questões urgentes, como a demarcação das terras indígenas. Faça uma breve pesquisa e selecione alguns artistas que abordam esses temas em seus trabalhos e, em sala de aula, compartilhe com os colegas para promover uma reflexão conjunta.
- 2** Com base na leitura do texto, selecione um argumento que ateste a importância das artes plásticas para a disseminação da pauta ambiental no debate público.
- 3** O artista português Bordalo II esteve presente na primeira edição da Bienal do Lixo, em 2022, em São Paulo (SP). O evento reuniu obras de criadores que trabalham com sucatas, como Ubiratan Fernandes e Jorge Solyano. Com base nas obras de Bordalo II, discorra sobre como o lixo pode ser ressignificado no espaço urbano.

Debate e reflexão

Em três grupos, pesquisem outros artistas que trazem o meio ambiente para o centro de suas obras. Um grupo deve pesquisar pintores; outros escultores; e o terceiro, fotógrafos e fotojornalistas. Seleccionem imagens marcantes para organizar apresentações digitais, em PowerPoint ou outro programa, sobre cada escopo.



Qvasimodo art/Shutterstock.com

No vestibular

(UEL 2012)



Coleção do Artista

Frans Krajcberg. **A Flor do Mangue**. Década de 1970. Madeira. 300 cm x 900 cm.

A obra realizada por Frans Krajcberg, ao longo de meio século, baseada no íntimo relacionamento com a natureza, é mais do que um projeto estético. É uma ética. É a invenção de um destino através da reinvenção da natureza. Uma luta titânica que vem travando no interior mesmo da natureza, no coração vulcânico da matéria natural, em nome de uma revolta individual que tinha muito a ver com sua solidão, mas que adquiriu, com o tempo, uma dimensão universal e planetária, quando encarada no plano mais ambicioso de uma política e ética ecológicas.

(Adaptado de: MORAIS, Frederico. *Frans Krajcberg: a arte como revolta*. FRANS Krajcberg revolta. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000.)

Com base no texto, na figura e nos conhecimentos sobre a produção do artista Frans Krajcberg, assinale a alternativa correta.

- a.** Pela temática e procedimentos empregados, a escultura apresentada é uma obra representativa do Naturalismo no Brasil.
- b.** Essa escultura se caracteriza como performance, pois modifica, em termos visuais e simbólicos, o contexto natural onde está inserida.
- c.** Essa escultura é figurativa e representa uma aranha, artrópode quelicerado típico dos mangues brasileiros.
- d.** As madeiras de suas esculturas são recolhidas, entalhadas e reorganizadas pelo artista, demonstrando sua preocupação com a natureza e com a arte.
- e.** O trabalho de Krajcberg consiste em cortar árvores para realizar a modelagem de suas esculturas; em contrapartida, contribui para o reflorestamento.

Na hora da redação

A pauta ecológica é onipresente atualmente. Cada vez mais, vestibulares de universidades privadas e públicas, além do Enem, abordam o tema em suas provas. O assunto aparece de diversas maneiras – por meio de dados, fatos do cotidiano e notícias da imprensa constatando o colapso do clima e o avanço do aquecimento global, mas também apontando iniciativas inovadoras, como o reflorestamento e a ação das novas tecnologias em prol da sustentabilidade. Reforçar a ideia de que a arte não é apenas uma forma de expressão estética, mas uma ferramenta para sensibilizar a sociedade, é também mostrar o poder da comunicação visual nos espaços públicos. Aqui, vale ressaltar a importância da narrativa visual ao longo da história, como bem reportou Karen Burshtein na matéria da **BBC** “Como obras de arte ajudam a denunciar atrocidades históricas”.

Mostrar a natureza tratada para além de uma perspectiva solene, dando visibilidade às pautas social e ambiental, é também um caminho argumentativo. Outro ponto é mostrar como os artistas trazem à tona questões centrais da discussão ambiental de modo acessível. Exemplificar como a arte contribui para o debate público sobre temas urgentes, como a extração de minérios, a desertificação das paisagens causada pelo agronegócio não responsável e o apagamento da cultura dos povos tradicionais do Brasil são fatos que embasam as produções contemporâneas de pintores, escultores e *performers* com obras nos principais museus do Brasil e do mundo. É recomendável também abordar o conceito de **ativismo**.

Para se preparar, outra dica importante é pesquisar em jornais, revistas e *sites* especializados publicações acerca da produção contemporânea de artes visuais e os destaques nos principais eventos nacionais e internacionais, para trazer bons exemplos.

Dica para o professor

Organizando as ideias

1. Jaider Esbell e Denilson Baniwa são exemplos de artistas que pertencem aos povos originários e trazem em seus trabalhos temas que se relacionam com a existência e a resistência de suas culturas como forma de preservação das etnias Macuxi e Baniwa, respectivamente. As questões sociais e históricas que cercam esses povos são abordadas em suas obras e descortinam uma realidade, por vezes, dura e pautada por uma visão anacrônica de que a cultura “ocidental” é superior aos conhecimentos dos povos da floresta. Quando museus e instituições, bem como o mercado, expõem suas narrativas em grandes mostras no circuito das artes, esses artistas ganham uma oportunidade de fortalecer suas pautas por meio do diálogo com públicos diversos – uma ação para descolonizar o olhar e firmar um compromisso com as pautas ecológicas e indígenas.
2. Pode ser interessante pedir aos estudantes que parafraseiem a seguinte conclusão da jornalista Karen Burshtein, citada no texto: “Os artistas se tornaram participantes proativos para realizar ações e mudanças sociais, até mesmo na esperança de impulsionar decisões políticas. Sua obra de arte se torna uma criação calculada, o artista abandona a alegoria pelo ativismo. E espera um impacto visceral para que a pintura desperte a consciência de uma injustiça”.
3. Artistas que transformam lixo em arte mostram como a reciclagem pode contribuir para campanhas contra o desperdício, o descarte irregular de resíduos e a ressignificação do conceito de belas-artes. O impacto na paisagem é um ponto a ser frisado. O lixo e a poluição visual danificam a flora e a fauna e comprometem espécies, ciclos biológicos e a biodiversidade.

Debate e reflexão

A ideia é apresentar os principais trabalhos de artistas e o contexto em que as obras foram feitas, suas épocas e as questões contemporâneas latentes de cada tempo. A biografia de cada nome deve ser aprofundada, e devem ser levantadas questões pertinentes ao debate ambiental e artístico dos dias atuais. A ampliação do repertório cultural é o objetivo deste **Debate e reflexão**.